

Kulijaman, Mataliwa & Camargo, Eliane. *Kaptëlo. L'origine du ciel de case et du roseau à flèches chez les Wayana (Guyane)*, Paris, CTHS-GADEPAM, 2007, 112 pp.

Edilene Coffaci de Lima  
Professora do Departamento de Antropologia – UFPR

Mataliwa Kulijaman é um Wayana de 34 anos, foi colaborador de diversos pesquisadores que estiveram em seu grupo, entre antropólogos, etnomusicólogos e lingüistas, sempre como tradutor de seu pai. Eliane Camargo é etnolingüista, estudiosa da língua wayana. O livro *Kaptëlo. L'origine du ciel de case et du roseau à flèches chez les Wayana (Guyanes)* é resultado do encontro e da parceria entre ambos. O autor, um curioso sobre os saberes wayana e filho de um velho reconhecidamente sábio, Kuliyanan, de sua própria iniciativa, anotou os conhecimentos de seu pai. Um tempo mais tarde, expressou a Eliane Camargo seu desejo de ver os conhecimentos de seu pai, que ele havia registrado, publicado em um livro. Estava assim constituída a gênese do projeto que se materializa em livro, numa edição bilíngüe francês-wayana, ricamente ilustrada, dedicada aos próprios Wayana e ao público leigo.

O livro ultrapassa sua gênese e pode-se nele encontrar mais que um registro dos conhecimentos dos Wayana, pois a co-autoria encaminhou-se para o simultâneo registro das reflexões de Mataliwa sobre as transformações em curso entre os Wayana. Particularmente àquelas relativas aos saberes da fabricação do *maluwana* e da construção do *tukusipan*, a casa comunal. No centro do teto da casa comunal instala-se o *maluwana*, decorado com seres belos e amedrontadores, que são, há um certo

tempo, bastante admirados também por não-índios que se interessam em adquirir tais peças elaboradas pelos Wayana.

De saída, deve-se dizer que *Kaptëlo* é um neologismo criado por Mataliwa, e expressa tanto sua inventividade como sua reflexão acerca dos saberes que lhe foram confiados por seu pai. *Kaptëlo* remete à fertilidade da terra que fornece as matérias-primas utilizadas na fabricação de diversos objetos e, ao mesmo tempo, à tecelagem das fibras vegetais ou à modelagem da argila. A tradução não é simples. Dela resta mais interessante destacar o sentido de coisa dada e, simultaneamente, de coisa fabricada, tecida ou moldada. Por se tratar de um livro dedicado a registrar e produzir uma reflexão sobre os conhecimentos dos Wayana, a palavra *kaptëlo* é bastante adequada para compor o título. Esses esclarecimentos todos sobre a etimologia da palavra criada por Mataliwa constam no início do livro (p. 10), onde o leitor poderá saber também que, nessa palavra, cada uma das letras remete a algum elemento fundamental que está presente nas narrativas apresentadas.

O livro tem início tratando das intensas relações entre os Apalai e Wayana, ambos falantes de línguas caribe há pelo menos 150 anos, na fronteira entre o Brasil, a Guiana Francesa e o Suriname. De qualquer forma e a despeito do fato de que praticam as mesmas atividades, os Apalai e os Wayana – que de suas intensas relações são, algumas vezes, mencionados na literatura como Wayana-Apalai – reconhecem o domínio de suas práticas e seus conhecimentos específicos: seriam os Wayana os mestres dos conhecimentos xamânicos e os Apalai os mestres das artes musicais (p. 23).

O pai de Mataliwa transmitiu-lhe seus conhecimentos, e Mataliwa concentrou-se particularmente em duas narrativas, apresentadas na segunda parte do livro: uma sobre o *tukusipan* e o *maluwana*, dedicada à origem dos motivos dos discos de madeira fixados no teto da casa comunal apalai e wayana; e outra dedicada à origem das flechas. Do

mesmo modo como se passa em diversas outras sociedades indígenas sul-americanas, essas narrativas revelam como os Wayana obtiveram parte de seus conhecimentos do exterior. Não há aqui roubo ou esbulho, como é comum na literatura etnológica da região, mas admiração e interesse pelos belos objetos e artefatos estrangeiros que acabaram por fazer seus.

As narrativas contadas por Kuliyanan, tidas como mais fiéis à tradição wayana, são sucedidas pela reflexão de seu portador sobre as mudanças em curso nos dias de hoje, quando os discos de madeira decorados do teto das casas wayana são comercializados entre os não-índios e as flechas são poucos utilizadas na caça e na pesca – sua fabricação é muito mais voltada à comercialização –, e no momento em que a geração atual pouco se interessa pelo *tukusipan*.

A fabricação do *maluwana* era, até pouco tempo atrás, uma atividade reservada exclusivamente aos homens adultos. As mulheres eram completamente impedidas de se dedicarem à sua fabricação. A desobediência poderia lhes causar sérios problemas de saúde, e, durante a gravidez, nem sequer podiam fitá-los no alto das casas. Mesmos os homens, no período de gravidez de suas esposas, não deveriam dedicar-se à fabricação dos *maluwana*. Seu retorno à atividade dava-se apenas depois que a criança tivesse completado 2 ou 3 anos de idade.

Nos dias de hoje, passa-se o contrário. Jovens rapazes e moças dedicam-se à sua fabricação. E essa não é a única inovação: os jovens acrescentam também novos motivos (a tartaruga, por exemplo) aos *maluwana* para comercializá-los entre os não-índios (p. 65).

Várias transformações aconteceram também com as flechas, confeccionadas atualmente, sobretudo, para serem vendidas aos não-índios. Antes eram os jovens que as fabricavam para se servirem delas na caça e na pesca. Hoje a espingarda substituiu as flechas na caça e os anzóis e arpões são preferidos na pesca. São os velhos que se dedicam à fabricação

das flechas exclusivamente para vendê-las. Os jovens apenas as fabricam para eventual uso pessoal e não para seu comércio (p. 71). Entre os *maluwana* e as flechas, deu-se uma completa inversão: jovens e velhos trocaram de lugar na realização de práticas que lhes seriam específicas.

Na terceira parte do livro, “Período moderno”, o leitor irá conhecer um pouco do início dessas transformações e ficará sabendo que aqui também o velho Kuliyaman, o pai de Mataliwa, teve papel central. Sob encomenda de André Cognat, fez um *maluwana* e vendeu-o aos militares que visitavam a sua aldeia. Em seguida, os militares que por lá passavam, também impressionados com a beleza dos motivos do *maluwana*, começaram a encomendar o disco/painel decorado. Foi, então, há quase trinta anos que tiveram início as transformações que hoje intrigam Mataliwa e motivam sua reflexão.

Por um certo tempo, Kuliyanman foi o único Wayana a se ocupar da confecção de peças destinadas à comercialização. Não tardou, contudo, o momento em que diversos compradores passaram a solicitar aos Wayana os belos painéis decorados e ele não pôde atender a todos os pedidos sozinho. Tanto assim que, a partir de 1988, a Associação Caway, organizada por Jean-Paul Klingelhofer, encorajou os jovens a aprender a confecção dos *maluwana*. Hoje essa é a principal ocupação dos jovens e se tornou uma importante fonte de renda para o grupo – sobretudo se se considera a dureza dos outros trabalhos que seriam disponíveis na região (p. 73).

Nas páginas que se seguem, Mataliwa se interroga se a tradição wayana não estaria a caminho da banalização. Afinal, são tantas as pessoas que hoje se interessam por produzir os objetos e não faltam aqueles que desejam comprá-los. Impressiona aqui como os *maluwana* chamam a atenção de todos por sua beleza, exatamente como a narrativa do início do livro destacava. Hoje seus vizinhos Emérillon (Teko), de língua tupi-guarani, negros-marrons e os brancos aprenderam a fabricá-los. De sua

reflexão sobre os novos fabricantes do *maluwana*, Mataliwa destaca que os Emérimon aprenderam a fabricá-los em virtude das relações de aliança que estabeleceram com os Wayana, mas os elaboram com motivos diferentes. Quanto aos brancos, Mataliwa se pergunta: “Quem os ensina a fabricá-los e por quê? Como responder a essas perguntas?” (p. 75).

O texto flui para a expressão do desabafo e da insatisfação de Mataliwa com o comércio da tradição apalai e wayana, cujos motivos dos *maluwana* hoje podem se encontrar impressos em outros suportes, como o tecido. As razões dessa insatisfação não são difíceis de compreender: os novos tempos colocam em jogo, aqui também, a questão da propriedade de um conhecimento e de uma arte. E não se trata apenas de uma propriedade, em seu sentido mais estrito, mas do reconhecimento daqueles que são os herdeiros, produtores e continuadores, de uma tradição (p. 80).

Mataliwa, em suas reflexões sobre os *maluwana*, destaca: são os Apalai e Wayana os únicos que sabem verdadeiramente fazer o *maluwana* e o *tukusipan* (a casa comunal). O registro desse conhecimento e de suas insatisfações com a popularização e comercialização da tradição wayana e apalai caminha para a reivindicação do reconhecimento do *maluwana* como um patrimônio cultural desses povos, para a valorização daqueles que são seus herdeiros e criadores. Enfim, daqueles que partilham as referências culturais que fazem dos *maluwana* algo que ultrapassa em muito a sua compreensão como peça decorativa.

Na quarta parte do livro, apresentam-se mais de dez motivos que decoram os *maluwana* – são lagartos e belos seres terrestres e aquáticos sabidamente perigosos. Nos anexos, consta ainda uma apresentação lingüística do Wayana e um pequeno léxico. Neste último anexo, à parte a necessidade de ter algum conhecimento técnico para bem compreender as características gerais da língua wayana, os leigos poderão saber algo dos verbos ativos e inativos que são utilizados. A apresentação é bastan-

te interessante e permite ao leitor ter alguma idéia de como se expressa linguisticamente a idéia de “agência” entre os wayana. Assim, há um exemplo em que podemos saber que o verbo para “cantar” é tido como não-ativo, visto que só se canta embriagado de caxiri. É a embriaguez que permite ao agente cantar, não se canta simplesmente.

Para melhor contextualizar os processos que redundam no momento atual, os autores poderiam ter, ainda que em nota de rodapé (para não diluir excessivamente seu objetivo), esclarecido aos leitores alguns outros personagens que aparecem sorrateiramente no livro e que ocuparam (ou ocupam?) um importante lugar na difusão dos *maluwana* além das fronteiras wayana. São eles: André Cognat, o primeiro a encomendar um *maluwana* a Kuliyman, e Jean-Paul Klingelhofer, que consta no livro como organizador da Associação Caway, dedicada à difusão e comercialização dos objetos wayana. Ambos são mencionados sem maiores detalhes, do mesmo modo se passa com a Associação Caway.

O livro trata das mudanças culturais em curso nos dias de hoje entre os Wayana. E essas mudanças não cessam, a tal ponto que me parece possível dizer que o livro é, ele próprio, um registro de quão permanentes são os processos de mudança, se é possível assim dizer. Se o pai de Mataliwa, o velho Kuliyman, foi o primeiro a comercializar o *maluwana*, por um lado, é seu filho, um dos autores da obra resenhada, quem dá continuidade ao processo, imprimindo em papel os motivos que comportam o admirável painel das casas apalai e wayana, seus conhecimentos e suas inquietações. De outro, Mataliwa se transforma também no pesquisador em campo, valorizando o papel ativo daqueles que lhe acolhem e, juntos, descobrindo a parceria no registro lingüístico-etnográfico e o apoio às suas reivindicações.